

PENSAR GEOGRAFICAMENTE COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ESCOLAR

Gabriel Pereira de Oliveira¹
Raphaela de Toledo Desiderio²

INTRODUÇÃO

Pensar geograficamente tem sido um exercício proposto durante o processo de atuação no Programa Residência Pedagógica - Núcleo Geografia Erechim/RS. Tomamos como referência a perspectiva de “pensar geograficamente” da geógrafa Doreen Massey para refletir sobre possibilidades de elaborar nossas práticas nas aulas de Geografia. Este relato de experiência é parte de um registro contínuo das atividades desenvolvidas no Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, subprojeto Geografia.

Durante as atividades desenvolvidas junto ao Programa de Residência Pedagógica, no Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali, em Erechim/RS, a influência das ideias de Doreen Massey sobre a "consciência espacial", tornou-se evidentemente relevante na minha prática educacional. Massey nos desafia a enxergar o espaço não apenas como um cenário, mas como um componente ativo na formação das relações humanas e na configuração das experiências individuais. Nesse sentido, apresentamos, neste texto, algumas considerações a respeito da proposta da geógrafa e a possibilidade de pensarmos exercícios práticos da construção do conhecimento geográfico a partir dessa perspectiva. Como educador em formação, meu objetivo foi aplicar essa perspectiva geográfica à minha prática pedagógica.

Percebemos que a proposta de “pensar geograficamente” coloca a geografia escolar em movimento, já que, além de refletirmos a respeito do modo como temos encaminhado às práticas escolares nessa área, também nos mostra uma outra possibilidade de construir conhecimento geográfico. Uma possibilidade que considera o espaço a partir da multiplicidade, da coetaneidade, das estórias e trajetórias, e que apresenta uma crítica a respeito do modo como temos tratado as diferenças espaciais.

1 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste relato de experiência baseia-se no registro e análise de vivências no ambiente escolar, além dos estudos realizados fora desse espaço e a possibilidade de refletir a respeito da formação inicial do professor de Geografia, tanto do ponto de vista da ciência de referência como da Geografia Escolar. Durante o período em que o autor atuou na residência pedagógica na escola, as atividades foram voltadas para a compreensão da realidade dos

¹ Acadêmico Gabriel Oliveira do Curso de Geografia – 9º Fase/2023. Universidade Federal da Fronteira Sul. gabriel.oli14@hotmail.com

² Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora. Prof. ^(e) do Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul. raphaela.desiderio@uffs.edu.br

estudantes e a aplicação de temas e conceitos específicos da Geografia nos contextos do sexto ano do ensino fundamental e no Ensino Médio, buscando realizar exercícios de análise das observações e das práticas tomando como referência o texto de Doreen Massey intitulado A mente geográfica. As considerações que trazemos neste texto, foram baseadas em estudos bibliográficos e registros realizados em caderno de campo durante atividades de observação e regência. Durante as atividades de regência, foram abordados diversos conceitos geográficos, tais como fuso horário, tempo geológico, formação da Terra e atmosfera terrestre. A combinação desses métodos - a observação direta dos processos educativos e a interação com os estudantes, juntamente com as atividades de ensino voltadas para a aplicação dos conceitos geográficos - permitiu uma abordagem enriquecedora na condução das práticas na escola.

2 EXPLORANDO A 'MENTE GEOGRÁFICA' NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: COMPREENDENDO A DIFERENÇA E NEGOCIANDO O ESPAÇO

A disciplina da Geografia passou por uma evolução contínua que contribuiu para olhar além dos conceitos tradicionais de localização e espacialidade. Um dos marcos mais significativos dessa transformação é a noção de mente geográfica proposta por Doreen Massey (2017). A proposta da autora em torna do debate sobre o exercício de pensar geograficamente desafia as visões tradicionais e, portanto, generalizadas e simplistas a respeito da construção do conhecimento geográfico na escola, estimulando uma compreensão mais profunda das complexas relações entre lugares, pessoas, suas trajetórias e histórias. Este referencial teórico se propõe a explorar o conceito da mente geográfica e suas possíveis implicações práticas, com foco na negociação da diferença, coetaneidade, geometrias do poder e o papel da geografia na promoção da igualdade e inclusão (Massey, 2017).

A proposta de pensar geograficamente trazida pela autora, envolve uma abordagem mais rica e abrangente da Geografia, que problematiza uma abordagem que, em grande medida, considera apenas a localização espacial. Ela nos convida a compreender que a Geografia é uma disciplina viva, atravessada por uma multiplicidade de atores e fatores. Massey (2017) argumenta que a Geografia é uma disciplina que evolui para uma compreensão mais dinâmica e contextual das interações humanas com o espaço. Essa perspectiva oferece uma base teórica sólida para a análise das relações complexas entre lugares, pessoas e culturas.

Uma das principais implicações de pensar geograficamente é o reconhecimento da coetaneidade. Coetaneidade implica na coexistência simultânea de diferentes lugares, culturas e histórias. Quando aplicamos esse conceito à geografia, percebemos que cada lugar tem sua própria trajetória geográfica e histórica. É um erro simplificar a diversidade global em uma sequência histórica linear, como muitas vezes ocorre em discursos de desenvolvimento. A verdadeira compreensão geográfica exige a compreensão das diferenças entre os lugares, confirmando que eles coexistem e não podem ser limitados a uma única narrativa.

A escola campo reflete essa coexistência, abrindo alunos de diversas origens, idades e realidades socioeconômicas. Durante as atividades de planejamento e regência, procurei exercitar o pensamento geográfico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No ambiente da sala de aula, essa perspectiva ganhou vida, pois ficou claro que cada aluno trazia consigo sua própria "geografia pessoal". Cada um deles tinha uma história de vida única, um contexto sociocultural distinto e uma perspectiva individual moldada pelas complexas geometrias de poder que permeiam nossa sociedade. Ao aplicar as reflexões de Massey à minha prática pedagógica, passei a considerar que os estudantes traziam consigo uma bagagem diversa e rica, com suas experiências, trajetórias e realidades que se entrelaçam na sala de aula.

Nesse cenário, a diferença se tornou mais visível do que nunca. Na minha turma, havia uma diversidade marcante. Alunos de diferentes origens étnicas e culturais, alguns vindos de áreas periféricas da cidade e outros de bairros mais privilegiados, evidenciaram as desigualdades sociais que compõem a nossa sociedade. A disparidade no acesso à informação também foi notável, com alguns alunos demonstrando maior familiaridade com a tecnologia e a cultura digital do que outros.

Em um ambiente de aprendizagem em que a diversidade era tão marcante, testemunhei uma série de situações que refletiam as desigualdades sociais, a falta de compreensão mútua e, por vezes, a tensão resultante dessas diferenças. Por exemplo, nas discussões em sala de aula, frequentemente surgiam percepções conflitantes sobre tópicos sociais e políticos, revelando as diferentes experiências de vida dos alunos e suas visões de mundo. Um exemplo significativo desse debate, foi em uma aula que debatemos sobre políticas públicas de inclusão. Percebi que estudantes vindos de bairros mais privilegiados expressaram opiniões que refletiam uma perspectiva de mérito individual, enquanto aqueles das áreas periféricas enfatizaram a importância das políticas públicas na correção das desigualdades. Essas divergências destacaram as diferentes realidades enfrentadas por esses grupos de estudantes.

Além disso, no que diz respeito ao acesso à tecnologia e aos recursos digitais, ficou claro que alguns alunos estavam mais familiarizados com ferramentas e fontes de informação contemporâneas, enquanto outros enfrentavam desafios nessa área. Isso resultou em desigualdades no desempenho acadêmico e na participação nas atividades em sala de aula. Diante dessas experiências, a reflexão teórica de Doreen Massey sobre a consciência espacial e a compreensão da diferença são consideradas altamente relevantes. Durante a minha prática pedagógica na Escola Haidée, a teoria da consciência espacial de Doreen Massey tornou-se uma representação vívida e tangível. A sala de aula era um microcosmo que refletia as complexidades da geografia pessoal e das geometrias de poder. As diferenças entre os alunos eram evidentes em diversos aspectos, e a aplicação dos princípios de Massey era notável em vários aspectos.

Nesse contexto, a compreensão das diferenças individuais se tornou uma prioridade em minha abordagem pedagógica. A consciência de que os alunos traziam consigo uma geografia pessoal moldada por seus contextos espaciais e histórias de vida, influenciou diretamente a forma como planejar minhas aulas e as estratégias educativas que empreguei.

Ao adotar a perspectiva de Massey, pode considerar que cada aluno traz uma "geografia pessoal" única. Suas origens, contextos culturais, econômicos e sociais enriqueceu as perspectivas e experiências em sala de aula. Isso ressaltou a importância de considerar essas diferenças individuais ao planejar e executar atividades.

Além disso, a experiência destacou a importância da negociação da diferença na construção de uma comunidade coesa na sala de aula. Antes de construir uma coletividade eficaz, é fundamental considerar e respeitar a diferença. Esse processo de negociação deve ser contínuo e ativo.

A experiência também evidenciou os desafios da busca por uma educação mais equitativa. Para lidar com as desigualdades de acesso a recursos e oportunidades, torna-se necessário lidar com abordagens pedagógicas sensíveis, que consideram a geografia pessoal de cada aluno. Isso inclui a adaptação de estratégias de ensino, fornecer apoio adicional quando necessário e promoção da igualdade de oportunidades.

CONCLUSÃO

Para concluir, minha experiência de residência pedagógica na Escola Haidee proporcionou um ambiente rico para a aplicação das ideias de Doreen Massey sobre a consciência espacial e a compreensão da diferença. Ao adotar uma abordagem geográfica para a educação, pude perceber a importância de considerar o espaço como um elemento ativo na formação das relações humanas.

A consciência da geografia pessoal de cada aluno, proporcionou uma compreensão mais profunda de suas perspectivas, contextos de vida e histórias pessoais. Isso levou a uma avaliação das complexas geometrias de poder que moldam suas vidas, sejam elas relacionadas à origem, etnia, acesso a recursos ou outras variáveis.

Ao promover um diálogo aberto e respeitoso entre os alunos, incentivando a negociação da diferença e o trabalho em um ambiente inclusivo, pudemos testemunhar resultados positivos. Os alunos se sentiram mais valorizados, respeitados e motivados para participar ativamente da aprendizagem. Essa experiência destacou a importância de considerar a diversidade de perspectivas e identidades presentes em qualquer ambiente educacional. Além disso, mostrou que a promoção da igualdade de oportunidades não significa tratar todos os alunos de forma igual, mas sim fornecer o suporte necessário a cada um, registrando suas necessidades individuais.

Em um mundo cada vez mais diversificado, a educação deve ser capaz de preparar os alunos para compreender e navegar por uma sociedade complexa e multifacetada. A abordagem geográfica proposta por Doreen Massey oferece uma estrutura sólida para alcançar esse objetivo. Portanto, minha residência pedagógica reforçou a importância de adotar uma "mente geográfica" na prática educacional, valorizando a coexistência simultânea de diferentes perspectivas e promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva. A jornada continua, mas estou confiante de que essa experiência enriquecedora continuará a guiar minha futura carreira como educadora.

REFERÊNCIAS

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, São Paulo, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017